

TRAVESSIAS

DA ALMA

- UM CONVITE

Paola Amendoeira

Do encontro em Moçambique às pontes dos afetos, em Portugal.

Nas errâncias que fazem parte de todo início, passamos por Cabo Verde - ponto na rota dela - da escravidão.

Nós, nosso Brasil, somos ponto de chegada.

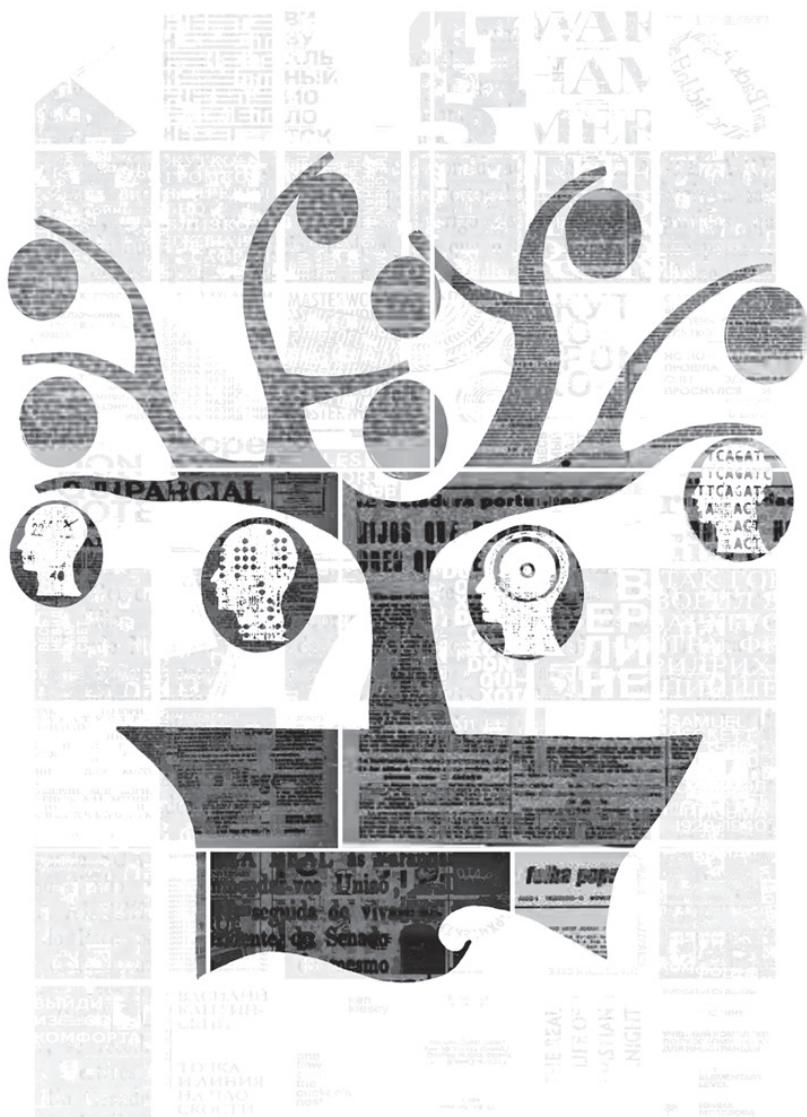
Aqui nos misturamos todos: índios, portugueses e negros, os africanos. A partir daí toda sorte de gente do mundo chegou às nossas terras. Darwin, Einstein, Lévi Strauss, Orson Welles, Bion...

E, depois de muito, alguns puderam sair, e voltar o caminho da sua trans-história.

Gil vai fazer um show na África, até ali não tinha uma grande ligação e mesmo conhecimento e contato com a cultura africana, e ao ver aquelas construções no estilo pombais, como nossos conjuntos habitacionais, ele Re-favela a sua trajetória e sua origem. Era “uma tentativa de assumir o ‘re’ que tinha vindo com o refazenda, que era uma coisa de revisitar, rever, retomar coisas. ... uma coisa de revisão, de retomada, de revisita”.

Krenak, que ecoa a voz de nossa ancestralidade originária, fala da guerra que sempre vivemos, mas nunca vimos. Da história de um país continental criado a partir da dizimação de um sem número de culturas que coabitavam este espaço, naquele tempo. Uma cultura de cooperação apagada do mapa, nunca contada nas escolas. Sem rastros.

E é através do Português que hoje nos unimos e podemos costurar uma narrativa sempre viva, mas que pelo silenciamento



Gil canta

A refavela

Revela o salto

Que o preto pobre tenta dar

Quando se arranca

Do seu barraco

Prum bloco do BNH

...

A refavela

Revela o sonho

De minha alma, meu coração

De minha gente

Minha semente

Preta Maria, Zé, João

de sua história e trajetória exige que a retomemos para avançar.

Dessa mistura toda, nasce uma efervescência cultural única.

Da resistência, pela existência, inventamos e somos criativos.

Enquanto na África cada povoado cultuava um orixá específico, nas senzalas do Brasil as pessoas escravizadas decidem por cultivar a todos os orixás para que todos ali dentro fizessem parte e fossem respeitados na sua origem – inventamos um candomblé próprio e democrático.

Daí resolveram proibir o festejo e a alegria que traziam as memórias deixadas nas tantas voltas da árvore do esquecimento.

Fomos para a rua e fizemos nossa pajelança em movimento. Aqueles que vinham na frente precisavam defender o caminho – daí inventamos o cortejo, o frevo, a capoeira, o nosso carnaval.

Em nossas terras as misturas encontraram seu Norte, seu ponto, e criaram raízes.

No trançado nas cabeças negras as rotas de fuga para o Quilombo.

A vida é teimosa, mas a nossa terra dá vontade de brigar pela vida, nela.

E também fomos capazes de não trabalhar a escravidão, de todo tipo, estatura e nível, o instinto para subjugar hipertrofiado e arraigado no ideário obscuro da nossa cultura.

Macunaíma e o Homem Cordial, Ariano, Tarsila, Paulo Freire, Antônio Conselheiro, Machado de Assis, Sertões, Gonzaga pai, filho e neto, Ilê, pinga, roda, gira, Vidas

Secas, Triste Partida. Vida e Morte, Severina, Andrade, Dorival Caymmi, Lia de Itamaracá, Portinari, Jobim e Elis. Manoel de Barros. Paulinho da Viola, Nelson Sargento, Dona Edith do Prato, Dona Ivone Lara, Cartola. Noel e Chiquinha. Afoxés, Maracatus e Sambas enredo. Marielle Franco, ausente! E aí vem o Chico e o Bosco com a história da Sinhá através dos olhos do fruto do sonho e das mandingas do escravo, que deixa um herdeiro sarará. Pelos olhos verdes do branco, que entre nós, é capaz de se colocar em tantas peles e aviva nossa humanidade. O Samba da utopia. Será?

E agora temos mais essa oportunidade de costurar nossa história e erguer as pontes afetivas desta longa trajetória.

Tudo isso para falar que gostaria de ver emergir de volta nossa Brasilidade, nossa criatividade e nossa teimosia contra essa apatia que nos embota. Que saudade!

E acredito que esta é uma grande oportunidade, de buscarmos re-levar, re-velar todo esse percurso e traçarmos uma trajetória que ressalte nossa experiência e contribuição para a cultura universal.

Meu povo, vamos enfunar as velas, singrar os mares e buscar novos portos nessa nossa Brasilidade!



Paola Amendoeira é psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.